

MONTHLY HOUSE VIEW

AGOSTO-SETEMBRO DE 2026

Verão sob vigilância



01	EDITORIAL Verão sob vigilância	P3
02	MACROECONOMIA E ESTRATÉGIA DE INVESTIMENTO Resiliência sob pressão	P4
03	EM FOCO Economia dos EUA: nem muito quente, nem muito fria	P8
04	PERSPETIVAS DE MERCADO Perspetivam-se algumas oportunidades	P10
05	MONITOR DE MERCADO Visão geral dos mercados selecionados	P12
06	CONHEÇA A EQUIPA	P13
07	GLOSSÁRIO	P14
08	TERMO DE RESPONSABILIDADE	P15



Alexandre
DRABOWICZ, CAIA
Global Chief
Investment Officer

Estimada leitora, estimado leitor,

No nosso Global Outlook 2026, recomendámos aos nossos leitores que se preparassem para surpresas, tanto pela positiva como pela negativa. Os últimos anos demonstraram que, mesmo em contextos macroeconómicos e geopolíticos complexos, os mercados podem proporcionar ganhos inesperados. Permanecemos convictos de que os investidores se devem concentrar nos fundamentais, manter a disciplina e evitar reações emocionais às notícias. O primeiro semestre de 2026 veio reforçar esta nossa convicção. Nesta edição de verão, analisamos três importantes surpresas e as respetivas implicações para os investidores até ao final do corrente ano.

O PETRÓLEO ENCONTRA SEMPRE O SEU CAMINHO

Em março, o impasse em torno do Estreito de Ormuz provocou a maior subida dos preços do petróleo das últimas décadas, tendo sido muitas as previsões de preços acima dos 150 dólares por barril. Em junho, porém, assim que foi anunciado um frágil acordo, os preços do petróleo caíram drasticamente, passando de um interesse de compra emocional (pânico) para um interesse de venda reativo (pânico). A realidade, contudo, é mais complexa. O petróleo continua a fluir. Alguns navios conseguiram atravessar o Estreito desligando os transponders ou seguindo rotas próximas de Omã. Também foram utilizadas capacidades de transporte adicionais, nomeadamente oleodutos como o Yanbu (Arábia Saudita) e o Fujairah (Emiratos Árabes Unidos). O aumento da oferta com origem nos Emiratos Árabes Unidos, subsequente ao abandono da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), e a disponibilidade do Iraque para aumentar as suas exportações deverão contribuir para reduzir o défice. Na vertente da procura, a significativa redução da procura por parte da China, apoiada nas suas grandes reservas e numa clara estratégia de redução da dependência dos combustíveis fósseis, significa que a dinâmica da oferta/procura não é tão dramática como se temia.

Em resumo, o petróleo não deixou de fluir e continua a encontrar novas rotas. Conforme salientado na nossa edição de março, as infraestruturas associadas a oleodutos/gasodutos estão a converter-se num ativo geopolítico decisivo, já que reduzem a dependência de pontos de estrangulamento como o Estreito de Ormuz.

O DILEMA DOS BANCOS CENTRAIS

O acentuado aumento dos preços da energia representou um desafio para os bancos centrais. Será que uma subida das taxas diretoras poderá controlar o impacto do petróleo nos preços? Provavelmente não. Poderá um banco central ganhar credibilidade ao aumentar as taxas de juro

para garantir a estabilidade dos preços? Certamente, mas isto cria um dilema. O Banco Central Europeu (BCE) optou por uma única subida das taxas e, na nossa opinião, não serão necessárias novas subidas, se bem que a estabilidade dos preços continue a ser o seu único mandato. No caso da Reserva Federal (Fed), a situação é diferente. Os dados da inflação de junho vieram trazer algum alívio, uma vez que os efeitos secundários dos preços do petróleo têm sido, até ao momento, limitados. Refira-se que todos os 67 economistas inquiridos pela Bloomberg antecipavam uma inflação mais elevada, mas a verdade é que se enganaram. Como resultado, o presidente da Fed, Kevin Warsh, pode manter uma postura firme, salientando a “tolerância zero” em relação à inflação elevada, sem ter de subir as taxas de juro. De salientar que as expectativas de inflação a um ano caíram abaixo dos 2% pela primeira vez durante o mandato Trump 2.0. Embora os mercados antecipem um ou dois aumentos das taxas no corrente ano, pensamos que a Fed as irá manter inalteradas e que o limiar para um novo aperto monetário continua a ser elevado.

SERÁ QUE O OURO PERDEU O BRILHO?

A surpresa mais desagradável deste ano talvez tenha sido a acentuada reviravolta sofrida pelo preço do ouro, que caiu de um máximo de 5.500 dólares para os 4.000 dólares registados no início de julho. Será que o ouro perdeu a sua atratividade enquanto ativo de diversificação? Pensamos que não. A crise no Médio Oriente levou alguns bancos centrais a vender ouro para reconstituir as suas reservas em dólares e, assim, apoiar as suas moedas, como foi o caso da Turquia e da Rússia, que venderam 81 e 34 toneladas, respetivamente. No entanto, perspetiva-se que uma nova onda de compras esteja a surgir. Embora os fluxos de capitais para os fundos negociados em bolsa (ETF) de ouro ocidentais tenham sido negativos no primeiro semestre (-7,7 mil milhões de dólares), os fluxos para os ETF de ouro asiáticos têm sido robustos (+12 mil milhões de dólares). Após ter reduzido as suas compras de ouro em 2025, devido à subida acentuada dos preços, o Banco Popular da China retomou as compras neste ano, nomeadamente em junho, o mês com maior volume de compras dos últimos 20 meses. Acreditamos que, no corrente ano, as aquisições da China irão ultrapassar as 100 toneladas, o que representa o triplo do volume do ano transato. Este interesse renovado de procura deverá constituir um apoio significativo para o mercado do ouro, uma vez que a China se mostra cada vez mais sensível aos preços no contexto da diversificação das suas reservas.

Votos de uma leitura enriquecedora e de umas excelentes férias de verão, tendo em mente que este verão decorre sob cuidadosa vigilância.



Grégory STEINER, CFA
Global Head of
Asset Allocation



Bénédicte KUKLA
Chief Strategist

O enquadramento macroeconómico continua sujeito a um grau de incerteza invulgarmente elevado, ainda que a primeira vaga do choque energético tenha demonstrado que as perturbações na oferta podem ser absorvidas de forma mais eficaz do que em ciclos anteriores. O crescimento tem-se mantido resiliente e, até ao momento, a inflação tem reagido rapidamente à queda dos preços do petróleo, corroborando a nossa opinião de que este choque inflacionista será temporário. Ainda assim, persistem riscos de subida da inflação, pelo que os bancos centrais se mantêm alerta.

CENÁRIO MACROECONÓMICO

VOLATILIDADE NOS MERCADOS ENERGÉTICOS, MAS A OFERTA ESTÁ A ADAPTAR-SE

Apesar das repetidas interrupções nas principais rotas marítimas, o mercado petrolífero adaptou-se rapidamente, graças ao redirecionamento das exportações, ao aumento da produção (dos Estados Unidos e dos Emiratos Árabes Unidos) e à moderação da procura. A redução das reservas de petróleo bruto importado pela China, numa altura em que os preços se encontram elevados, travou o crescimento da procura global, tornando os preços do petróleo menos sensíveis do que em ciclos anteriores a este choque na vertente da oferta. Face ao risco de uma nova escalada generalizada a todo o Médio Oriente, a questão reside em saber se esta redução nas importações de petróleo por parte da China será permanente, nomeadamente no quadro do aumento da eletrificação.

Embora as incertezas continuem a ser elevadas e as reservas sejam menos volumosas do que no passado, o rápido ajustamento tanto da oferta como da procura levou-nos a rever em baixa o nosso cenário para o petróleo bruto Brent, para 84 dólares em 2026 e 76 dólares em 2027. As nossas principais preocupações centram-se, agora, nos combustíveis refinados, com destaque para o gasóleo, já que a contração da oferta resultante da menor produção nas refinarias e das restrições à exportação impostas pela Rússia representam um risco em termos de custos para a indústria. Ao mesmo tempo, o gás natural continua a ser motivo de grandes incertezas na Europa, com os stocks ao nível de apenas 53% contra a média de 68% nos últimos cinco anos, além de que a crescente disputa com a Ásia pelo gás natural liquefeito (GNL) dos EUA deverá manter os preços sob pressão.

TENDÊNCIA DE AUMENTO DOS RISCOS INFLACIONISTAS A NÍVEL MUNDIAL

Os dados de junho demonstraram a rapidez com que a descida dos preços da energia pode afetar a inflação no consumo. Nos EUA, em junho, a inflação caiu para 3,5% em variação homóloga (contra 4,2% em maio) enquanto a inflação na zona euro caía de 3,2% para 2,8%. Também a inflação subjacente (excluindo os preços dos alimentos e da energia) representou uma surpresa em baixa em ambas as regiões. Se o nosso cenário central para o petróleo se mantiver (sem uma nova e prolongada escalada), a inflação deverá continuar a abrandar à medida que se forem dissipando fatores temporários, como o anterior impacto das taxas aduaneiras na inflação dos EUA (ver a secção “Em Foco” sobre a economia dos EUA, página 8). No entanto, subsistem riscos de subida da inflação, especialmente na Europa. Se os preços do gás natural (TTF) se mantivessem nos níveis observados em meados de julho, tal aumentaria em aproximadamente 40 pontos base a nossa atual previsão para a inflação na Europa.

Os mercados emergentes apresentam igualmente um panorama complexo. A inflação abrandou em grande parte da Ásia, mas continua acima das metas dos bancos centrais na Índia, na Indonésia, nas Filipinas e na Coreia do Sul. Os preços dos produtos alimentares, que representam a parte mais significativa das despesas das famílias e que tornam estas economias mais vulneráveis aos choques, poderão subir ainda mais se um El Niño mais intenso na segunda metade de 2026 reduzir a produção agrícola, especialmente no Sudeste Asiático, onde o clima mais quente constitui um risco específico. A China é uma exceção. A inflação no consumo permanece contida, apesar dos preços na produção terem atingido o nível mais elevado dos últimos quatro anos, devido, sobretudo, aos custos com os



As
**EXPORTAÇÕES
DA COREIA DO
SUL CRESCERAM**
48% em variação
homóloga no 1.º
semestre de 2026

transportes e com a energia. Estes preços mais elevados na produção deverão manter-se, embora só se repercutindo gradualmente no consumo, devido a uma procura interna moderada. Por outro lado, os esforços do governo no sentido de reduzir uma excessiva concorrência a nível de preços poderão contribuir para uma estabilização dos preços.

CRESCIMENTO AINDA RESILIENTE

A economia mundial suportou este choque energético melhor do que em ocasiões anteriores. Também o contínuo investimento na inteligência artificial (IA) tem apoiado o investimento das empresas, em particular nos EUA. A zona euro mostrou-se igualmente mais resiliente, com as vendas a retalho, a construção, as encomendas à indústria alemã e os inquéritos às empresas a apresentarem resultados surpreendentemente positivos, apontando para uma atividade mais robusta no segundo trimestre de 2026, isto apesar de custos mais elevados com a energia. Mantemos a nossa previsão de crescimento em 2026 na zona euro em 0,8% (excluindo o produto interno bruto da Irlanda, que se revelou particularmente volátil nos últimos meses) e revimos em alta a previsão de crescimento para 2027. A despesa orçamental alemã deverá proporcionar um apoio adicional durante o segundo semestre do ano, enquanto o recente pacote governamental de reformas laborais e pensões reforçou a confiança dos investidores. No curto prazo, porém, as trocas comerciais continuam a ser o ponto fraco. As exportações chinesas para a Alemanha registaram um aumento de 19% no primeiro semestre de 2026, enquanto as exportações alemãs para a China apenas cresceram 1,8%.

No final do segundo trimestre, o setor industrial chinês entrou novamente em expansão, apoiado na contínua robustez das exportações relacionadas com produtos de IA. No primeiro semestre de 2026, as exportações sul-coreanas cresceram 48,4% em variação homóloga, devido, principalmente, ao acentuado aumento das exportações de semicondutores para a China. No Japão, o inquérito Tankan atingiu o seu nível mais elevado dos últimos oito anos, refletindo a resiliência da procura interna e do turismo, bem como a crescente capacidade das empresas para repercutir o aumento dos custos nos preços.

OS BANCOS CENTRAIS MANTÊM-SE ALERTA

Apesar dos riscos de subida da inflação, não antecipamos para o corrente ano novos aumentos das taxas de juro, nem por parte da Reserva Federal (Fed) nem do Banco Central Europeu (BCE), uma vez que continuamos a considerar esta situação de choque significativa, mas, em última análise, temporária. No que respeita ao BCE, as condições financeiras na zona euro endureceram desde a reunião de junho, pelo que os decisores mantêm uma postura *hawkish*. No nosso cenário de base, o BCE irá manter a sua política inalterada. Contudo, para que isso se concretize, é necessária uma melhoria da situação no Médio Oriente. Entretanto, face ao número crescente de empresas que preveem um aumento dos custos de produção, os mercados continuam a antecipar mais uma subida das taxas por parte do Banco do Japão, embora as taxas reais devam permanecer em terreno negativo.

QUADRO 1: PREVISÕES MACROECONÔMICAS 2025-2027,%

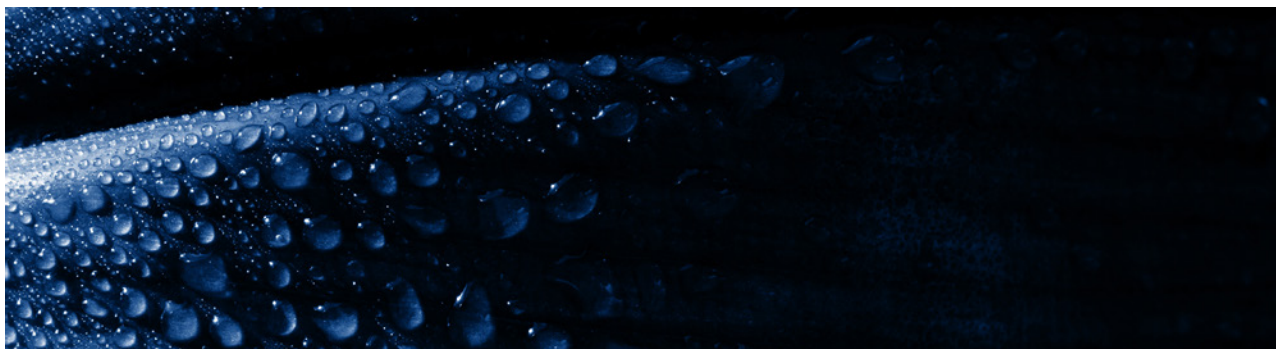
● Previsões em baixa desde a última edição

● Previsões em alta desde a última edição

	PIB %			INFLAÇÃO %		
	2025	2026	2027	2025	2026	2027
Estados Unidos	2,2%	2,2%	2,2%	2,7%	3,4%	2,4%
Zona euro	1,6%	0,8% ¹	1,2%	2,1%	2,9%	2,1%
China	4,9%	4,6%	4,3%	0,2%	0,8%	1,3%
Japão	1,2%	0,5%	1,0%	3,2%	2,0%	2,3%

Fonte: Indosuez Wealth Management.

¹ O PIB da zona euro é apresentado excluindo a Irlanda para 2026, devido ao adiamento motivado por tarifas em 2025, que afetou as exportações de patentes e produtos farmacêuticos para os EUA. Isto retirou 0,3 pontos percentuais ao PIB da zona euro no primeiro trimestre, e prevê-se que a volatilidade continue nos meses seguintes. Para referência, o nosso cenário para 2026 incluindo a Irlanda é de 0,6% (face a 0,4% na nossa última edição mensal).



Adrien ROURE
Multi-Asset Portfolio Manager

CONVICÇÕES DE ALOCAÇÃO

Apesar da progressiva normalização das tensões geopolíticas durante o último trimestre, o clima de incerteza está a ser, uma vez mais, alimentado por acontecimentos recentes, mantendo as taxas de juro sob pressão e favorecendo o regresso da volatilidade aos mercados de ações. Neste contexto conturbado, os fundamentais macroeconómicos refletem a resiliência das economias desenvolvidas, enquanto a robustez do ciclo de investimento associado à inteligência artificial (IA) continua a apoiar os mercados de ações.

AÇÕES

Desde o início do ano, os mercados de ações dos Estados Unidos têm registado ganhos significativos, impulsionados, principalmente, pelo setor tecnológico e, nomeadamente, pelo segmento dos semicondutores. Esta dinâmica ilustra a solidez do ciclo de investimento associado à IA e a persistência das restrições da oferta em determinados segmentos estratégicos. Embora estes fatores sustentem perspetivas de resultados sólidas, a amplitude da forte subida e a concentração dos desempenhos exigem uma gestão criteriosa e disciplinada, uma vez que algumas cotizações já refletem um acentuado otimismo. A baixa liquidez do período estival, as tensões geopolíticas no Médio Oriente e as incertezas em torno da monetização da IA representam riscos de consolidação no curto prazo, que, na nossa opinião, poderão oferecer pontos de entrada atrativos.

Neste contexto, a época de publicação de resultados deverá ser decisiva e poderá agir como um catalisador para uma nova fase de alta, além de que o quadro macroeconómico se mantém, em termos gerais, favorável. Face à solidez dos fundamentais e às perspetivas de crescimento dos lucros, mantemos uma visão positiva em relação às ações dos EUA e aos temas relacionados com a IA, ao mesmo tempo que privilegiamos uma ampla diversificação, nomeadamente através de pequenas e médias capitalizações. Estas últimas, recentemente afetadas pela subida das taxas reais, deverão beneficiar de uma economia resiliente e de potenciais medidas de estímulo em vésperas de eleições intercalares.

A concentração dos desempenhos também é evidente nos mercados emergentes, com a Coreia do Sul e o Taiwan a destacarem-se como os principais beneficiários asiáticos do ciclo dos semicondutores. No entanto, esta estratégia de posicionamento dos investidores, agora altamente direcionada, aliada a um maior recurso à alavancagem, exige prudência no curto prazo. Além disso, a apreciação do dólar e os riscos climáticos associados ao fenómeno El Niño – nomeadamente a inflação dos preços dos alimentos e as perturbações nas cadeias de abastecimento no Sudeste Asiático – poderão acentuar a dispersão dos desempenhos entre os vários países. Ainda assim, os mercados emergentes mantêm fundamentais sólidos e qualquer correção poderá representar uma oportunidade de entrada interessante para os investidores de médio prazo. Por último, algumas empresas asiáticas do setor tecnológico, nomeadamente chinesas, também representam catalisadores de crescimento no universo dos mercados emergentes.

Mantemos uma postura mais prudente relativamente aos mercados de ações europeus, que são penalizados por uma atividade económica débil e heterogénea, e pela persistente dependência energética face aos fluxos do Golfo, assim como pela possibilidade de renovados riscos políticos na segunda metade do ano. Contudo, mantemos uma perspetiva positiva em relação a determinados temas, tais como a autonomia estratégica (defesa e segurança das cadeias de abastecimento), bem como às ações subvalorizadas e ao setor bancário, já que este último beneficia de um ambiente duradouro de taxas de juro elevadas, da recuperação do ciclo de fusões e aquisições, e de rendibilidades atrativas.

RENDIMENTO FIXO E MERCADOS DO CRÉDITO

Os mercados de obrigações continuam a ser influenciados pela evolução da inflação, assim como pela orientação das políticas monetárias e orçamentais. Neste contexto, o nosso posicionamento prudente, caracterizado por uma subponderação da sensibilidade às taxas de juro, continua a afigurar-se adequado. No entanto, a recente subida das taxas, resultante de



A SUBIDA DAS
TAXAS cria
OPORTUNI-
DADES táticas

um reajustamento das expectativas relativas às taxas diretoras, poderá criar oportunidades táticas para reforçar as nossas posições.

Continuamos, assim, a privilegiar o segmento de curto prazo da curva de rendimentos da zona euro, enquanto o segmento de longo prazo se mantém mais volátil e mais exposto às incertezas em torno das políticas orçamentais e dos contextos políticos até ao final do ano. Relativamente aos EUA, mantemos o nosso posicionamento inalterado. No entanto, o elevado nível das taxas reais, próximo dos máximos dos últimos vinte anos, começa a tornar atrativas as obrigações do Tesouro. De notar, entretanto, que a solidez do ciclo de investimento, impulsionado pela era da IA, poderá vir a sustentar uma tendência ascendente das taxas reais.

Além disso, mantemos uma perspetiva positiva em relação ao crédito de elevada qualidade da zona euro. Apesar do estreitamento dos *spreads*, as taxas de rendibilidade absolutas continuam a ser atrativas, apoiadas em fundamentais sólidos e na persistente procura por parte de investidores que visam a rendibilidade. Por outro lado, mantemos uma postura mais cautelosa em relação ao crédito dos EUA, onde o aumento das emissões, nomeadamente por parte dos *hyperscalers*, exige prudência.

Por último, mantemos uma perspetiva positiva em relação à dívida dos mercados emergentes em moeda local, que proporciona um potencial de diversificação atrativo graças às elevadas taxas reais e a um ambiente macroeconómico mais estável.

FOREX

Mantemos uma abordagem prudente relativamente ao dólar norte-americano. A recente apreciação da moeda reflete tanto o seu estatuto de ativo de refúgio, como o reajustamento das expectativas em relação à política monetária dos EUA e a recuperação da imagem de credibilidade da Reserva Federal (Fed). De qualquer modo, este fortalecimento não põe em causa as nossas perspetivas de médio prazo. À medida que a inflação nos EUA abrandar e os mercados anteciparem uma trajetória monetária menos restritiva, o dólar poderá ver-se confrontado com crescentes dificuldades. Por último, a gradual diversificação das reservas cambiais e os investimentos internacionais em ativos não denominados em dólares continuam a ser, na nossa opinião, um fator estrutural de vulnerabilidade para a moeda dos EUA.

Continuamos otimistas em relação ao ouro. O metal amarelo tem sido, recentemente, penalizado pela recuperação do dólar e pela correção das expectativas em relação às taxas de juro dos EUA. Contudo, estes aspetos de curto prazo não comprometem a solidez dos seus fatores fundamentais. O ouro continua a ser apoiado pela diversificação das reservas dos bancos centrais, por tensões geopolíticas persistentes e pelo elevado nível da dívida pública das economias desenvolvidas. A retoma das compras por parte da China também reforça esta tendência subjacente, proporcionando um apoio concreto à procura e contribuindo para manter os preços em níveis elevados de forma duradoura.

CONVICÇÕES FUNDAMENTAIS – POSIÇÃO TÁTICA

● 16.07.2026

	-	-/=	=	+/=	+
AÇÕES					
Europa		●		●	
Estados Unidos				●	
Japão		●			
Mercados emergentes				●	
PREFERÊNCIAS DE ESTILO					
Pequenas capitalizações Estados Unidos				●	
Value Europa				●	
OBRIGAÇÕES		●			
Títulos financeiros (EUR)	●				
Investment grade (EUR)				●	
High yield (EUR)			●		
Títulos financeiros (USD)		●			
Investment grade (USD)			●		
High yield (USD)			●		
Mercados emergentes (moedas locais)					●
USD VS. EUR	●				
YEN				●	
OURO					●

Fonte: Indosuez Wealth Management.

Economia dos EUA: nem muito quente, nem muito fria



Lucas MERIC
Cross Asset Strategist

Comparar um cenário macroeconômico com as expectativas dos investidores é, muitas vezes, semelhante a um jogo do gato e do rato. No final de 2025, as preocupações na frente do emprego justificaram descidas das taxas diretoras. Hoje, a normalização do mercado de trabalho e as pressões inflacionistas, ainda que essencialmente temporárias, levam os mercados a antecipar subidas das taxas. No entanto, não acreditamos que a economia dos Estados Unidos esteja a entrar numa fase de reaceleração, antes devendo manter-se “nem muito quente, nem muito fria”.

A ECONOMIA ESTÁ A DAR SINAIS DE REACELERAÇÃO

No início do ano, os investidores temiam uma desaceleração acentuada da economia dos EUA e, particularmente, do mercado de trabalho, o que justificava as expectativas de cerca de três reduções das taxas diretoras até ao final de 2026 (gráfico 1, página 9). Na altura, mostrámo-nos céticos em relação a estas preocupações e prevíamos uma melhoria da dinâmica de contratações ao longo de 2026. Desde então, a economia tem-se fortalecido consideravelmente, mas importa referir que esta melhoria também foi impulsionada por fatores temporários. Os reembolsos fiscais apoiaram o consumo no primeiro semestre e as empresas aumentaram as suas encomendas em antecipação de perturbações relacionadas com o conflito no Médio Oriente, além de que o “efeito do Mundial” estimulou o consumo e o emprego nas cidades anfitriãs norte-americanas. Mais ainda, prevê-se que a desaceleração dos salários reais, induzida pelo aumento dos preços da energia, venha a penalizar o consumo, ao mesmo tempo que taxas de juro de longo prazo mais elevadas deverão afetar a situação financeira das empresas e, consequentemente, a atividade económica. Porém, esta ligeira desaceleração deverá ser temporária, num quadro de economia ainda robusta, apoiada pelo consumo das famílias com rendimentos elevados e pelos investimentos na inteligência artificial (IA). No mercado de trabalho, as sondagens apontavam para uma recuperação das intenções de contratação, antecipando, assim, a recente recuperação da criação de emprego, mas, desde então, registaram uma acentuada contração, sugerindo um abrandamento ao longo dos próximos meses da dinâmica positiva recentemente observada.

A INFLAÇÃO ESTÁ A DIVERGIR DA META

Impulsionada pelo conflito no Médio Oriente e pela subida dos preços da energia, a inflação poderá voltar a acelerar em julho. No entanto, se o nosso cenário para o petróleo se confirmar e os fluxos de petróleo se normalizarem, é provável que a inflação global se aproxime do seu pico e que o processo de desinflação retome em 2027. No entanto, a inflação subjacente continua resistente, impulsionada também por fatores considerados temporários: (i) o aumento das tarifas em 2025, que, segundo um recente estudo da Reserva Federal (Fed), se traduziu numa subida de 80 pontos base da inflação, efeito este que se deverá dissipar durante o segundo semestre de 2026; (ii) as perturbações no Estreito de Ormuz, que deverão exercer efeitos de segunda ordem sobre setores intimamente ligados à energia, tais como os transportes e os dependentes das exportações de produtos químicos do Golfo, efeitos estes que também se deverão dissipar com a normalização dos fluxos no Estreito; e (iii) os aumentos de preços relacionados com o ciclo de investimento maciço em IA, nomeadamente nos chips de memória e no *software*, que têm contribuído para a acentuada persistência da inflação subjacente medida pelo índice de preços das despesas de consumo pessoal (PCE) nos últimos meses.

Algumas destas pressões, nomeadamente as relacionadas com a IA, poderão persistir no médio prazo, pelo que não antecipamos necessariamente um regresso em breve da inflação subjacente dos EUA à meta dos 2%, embora a inflação global se deva aproximar dos 2% em 2027, devido à desinflação no setor energético.

O RISCO DE UMA NOVA ACELERAÇÃO DA INFLAÇÃO

Face ao nosso cenário de base “nem muito quente, nem muito frio”, uma nova aceleração da inflação continua a constituir um risco significativo, pelo que estamos a acompanhar três questões fundamentais para avaliar esse risco. 1) Existem tensões no mercado de trabalho que justifiquem o risco de aumentos salariais? Ao contrário do que aconteceu em 2022, o mercado de trabalho oferece atualmente aos trabalhadores um poder de negociação muito limitado, o que restringe os riscos de subida dos salários, sendo os custos unitários do trabalho atualmente compatíveis com a inflação subjacente de 2%. 2) As expectativas de inflação estão desancoradas? As expectativas de longo prazo permanecem ancoradas entre os consumidores e diminuíram significativamente nos mercados financeiros na sequência da descida dos preços do petróleo em junho. 3) A subida da inflação é generalizada a todas as componentes? Não. Atualmente, está limitada ao setor da energia e a algumas componentes muito específicas, tais como equipamentos, *software* e serviços financeiros.

O contexto mostra-se menos inflacionista do que poderia parecer, mas continuamos a acompanhar a evolução destes fatores e mantemo-nos atentos a novas tensões no Médio Oriente ou a quaisquer

anúncios, por parte de Donald Trump, de medidas de estímulo orçamental antes das eleições intercalares, o que poderia aumentar o risco de uma nova aceleração da inflação.

IMPLICAÇÕES PARA OS MERCADOS

Atualmente, os dados de alta frequência continuam a refletir uma economia particularmente robusta nos EUA, embora persistam algumas incertezas envolvendo determinados riscos geopolíticos e orçamentais. Isto poderá justificar alguma prudência, tendo em conta o risco de os mercados poderem, numa primeira fase, extrapolar as recentes dinâmicas geopolíticas. A confirmação do nosso cenário de base de uma economia “nem muito quente, nem muito fria”, em que a próxima medida da Fed seria um corte em 2027 (com uma taxa terminal de 3,5%), poderia abrir caminho a uma evolução “Goldilocks²” nos próximos meses, situação potencialmente favorável tanto para os ativos de risco como para as obrigações, oferecendo oportunidades de obtenção de rendimento. Poderia também justificar uma inversão de certas dinâmicas recentes dos mercados, nomeadamente no que respeita ao dólar e ao ouro.



3,5%: surpresa em
baixa da inflação
dos EUA em junho

GRÁFICO 1: VOLATILIDADE PERSISTENTE DAS EXPECTATIVAS DOS INVESTIDORES EM RELAÇÃO À FED



Fontes: Macrobond, Indosuez Wealth Management.

² Situação ideal em que a economia está em perfeito equilíbrio.

Perspetivam-se algumas oportunidades



Alexandre GAUTHY

Senior Cross-Assets Manager /
Market Forex Strategist



Maxime ROUBAUD

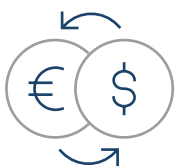
Investment Analyst

Após um período de euforia, os preços do ouro sofreram uma queda significativa em relação aos seus máximos, oferecendo um bom ponto de entrada para os investidores de longo prazo. De um modo geral, continuamos prudentes em relação ao dólar e revimos a nossa previsão para o final do ano de 1,23 para 1,20. Pensamos que o iene se encontra significativamente subvalorizado e que o dólar australiano beneficia de fundamentais sólidos, logo exibindo o melhor perfil de rendimento-risco dos mercados cambiais.

A acentuada subida dos preços do ouro em finais do ano transato tornou este metal precioso vulnerável à tomada de mais-valias. A correção dos preços registada desde então tem sido impulsionada por uma mudança no sentimento dos mercados, com os investidores particulares ocidentais a afastarem-se do ouro. Alguns bancos centrais (nomeadamente o da Turquia) também se viram obrigados a vender parte das suas reservas de ouro para defender a moeda nacional no quadro da guerra no Irão e do consequente aumento dos preços do petróleo. Considerando que o preço ronda os 4.000 dólares por onça, pensamos que o movimento de liquidações do ouro já ficou, em grande parte, para trás. Mais importante ainda, os fatores estruturais subjacentes à tendência de alta do ouro não se alteraram. A tentativa de minar a independência da Reserva Federal (Fed), a fragmentação geopolítica, a diversificação dos ativos dos bancos centrais para fora do dólar norte-americano e os elevados níveis de dívida pública dos países desenvolvidos são outros tantos fatores que favorecem o ouro. O forte interesse por parte de bancos centrais de todo o mundo veio para ficar. Um número recorde de bancos centrais tenciona aumentar o peso do ouro nas suas carteiras nos próximos anos. À medida que o preço do ouro descia, o Banco Popular da China intensificou as suas compras.

já estão reunidos todos os fatores para uma apreciação do iene. Em primeiro lugar, o iene está extremamente barato. Em segundo lugar, o Banco do Japão retomou o seu ciclo de subidas das taxas diretoras. Consideramos que haverá mais subidas das taxas diretoras, porque a economia exibe um bom desempenho e porque o mercado de trabalho continua a registar escassez de mão de obra, além de que a inflação se deverá situar acima da meta nos próximos meses. Em terceiro lugar, à medida que as taxas de juro de longo prazo japonesas se tornarem mais atrativas, os investidores nipónicos poderão considerar a possibilidade de redirecionar os seus capitais para o mercado interno, o que levaria a uma apreciação do iene. No entanto, tendo em conta todos estes fatores favoráveis, é intrigante que o iene continue pouco procurado pelos investidores. Portanto, temos relativamente pouca convicção na nossa perspetiva positiva para o iene.

Recentemente, ajustámos a nossa perspetiva cautelosa em relação ao dólar face ao euro e revimos a nossa previsão para o final do ano de 1,23 para 1,20 para o par EUR/USD. Sinais positivos da economia dos EUA impulsionaram a apreciação do dólar. De facto, a economia dos EUA está a atravessar uma fase de recuperação cíclica. Os dados mais recentes relativos ao setor industrial têm sido animadores e o mercado de trabalho tem dado sinais de estabilização nos últimos meses. Por outro lado, as primeiras declarações do novo presidente da Fed tiveram um efeito positivo no dólar. Kevin Warsh causou uma surpresa pela positiva ao reafirmar com veemência o mandato da Fed em matéria de estabilidade de preços, dissipando alguns receios dos mercados de que pudesse dar menos importância à inflação. Ainda assim, mantemos uma perspetiva prudente em relação ao dólar face ao euro, dado acreditarmos que a próxima medida da Fed será um corte das taxas de juro em 2027. Os mercados, por seu turno, já tomaram plenamente em conta uma subida de 25 pontos base até ao final do ano e uma elevada probabilidade de novas subidas em 2027.



Meta de fim de ano
para o par
EUR/USD
1,20

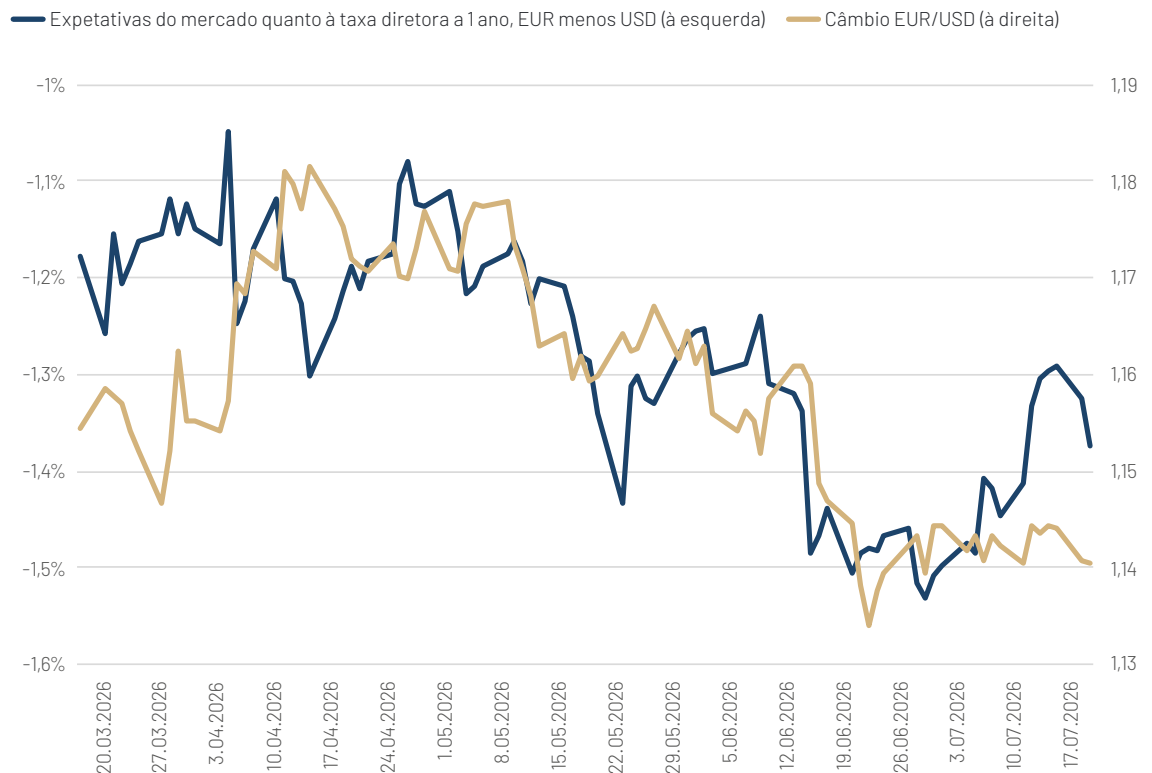
Menosprezado pelos mercados, o iene está atualmente a ser negociado a um nível de subvalorização raramente observado. As estratégias de *carry trade* são responsáveis pela desvalorização do iene, dado que os investidores contraem empréstimos em moedas com baixos custos de financiamento, como o iene, para investir em ativos com rendibilidades mais elevadas. Como resultado disso, o iene está atualmente a ser objeto de volumosas vendas a descoberto. Uma subida das taxas de juro de curto prazo no Japão tornaria as estratégias de *carry trade* menos atrativas e poderia provocar oscilações bruscas no valor da moeda. Embora isso ainda não tenha acontecido,

Se os mercados convergirem para as nossas antecipações mais moderadas em relação à Fed, é provável que a recente apreciação do dólar sofra uma inversão (gráfico 2). Mais ainda, as perspetivas económicas na zona euro estabilizaram.

O atual ciclo de despesas de capital (CapEx) que atravessamos constitui um óbvio fator determinante do preço dos metais industriais, e a economia da Austrália depende, em larga medida, desse ciclo. Pensamos ser muito provável que este ciclo de investimento prossiga, não apenas nos EUA, mas em todo o mundo e, em particular, na China. As importações chinesas voltaram a acelerar desde o início do ano, o que é um bom sinal para o preço dos metais industriais. Esta evolução deverá, por sua vez, conduzir a uma nova apreciação do dólar australiano.

Por último, pensamos que o franco suíço continuará a evoluir num intervalo estreito face ao euro, uma vez que existem fortes fatores de sentido contrário a influenciar a moeda.

GRÁFICO 2: O PAR EUR/USD ACOMPANHA OS DIFERENCIAIS DAS TAXAS DE JURO



Fontes: LSEG, Indosuez Wealth Management.

Visão geral dos mercados selecionados

DADOS A 23.07.2026

TÍTULOS DA DÍVIDA PÚBLICA	RENDIMENTO	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS (PB)	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL (PB)
Títulos do Tesouro dos EUA de 10 anos	4,65%	26,23	48,75
França 10 anos	3,97%	34,10	40,70
Alemanha 10 anos	3,17%	30,60	31,60
Espanha 10 anos	3,63%	29,30	34,40
Suíça 10 anos	0,48%	18,40	15,50
Japão 10 anos	2,75%	8,70	69,00

TÍTULOS	ÚLTIMO	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL
Títulos da Dívida Pública de Mercados Emergentes (ME)	42,23	0,09%	1,59%
Títulos da Dívida Pública em EUR	213,24	-1,16%	-0,31%
High yield em EUR Corporativo	246,22	0,08%	1,65%
High yield em USD Corporativo	400,46	0,07%	1,77%
Títulos da Dívida Pública dos EUA	335,36	-0,43%	-0,20%
ME Corporativos	45,29	-0,86%	-1,26%

MOEDAS	ÚLTIMO SPOT	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL
EUR/CHF	0,9294	0,74%	-0,14%
GBP/USD	1,3375	1,57%	-0,74%
USD/CHF	0,8144	0,27%	2,75%
EUR/USD	1,1412	0,48%	-2,84%
USD/JPY	163,15	0,85%	4,11%

ÍNDICE DE VOLATILIDADE	ÚLTIMO	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL
VIX	16,64	-1,99	1,69

ÍNDICES DE AÇÕES	ÚLTIMO PREÇO	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL
S&P 500 (EU)	7.498,96	1,91%	9,55%
FTSE 100 (Reino Unido)	10.716,97	2,44%	7,91%
STOXX Europe 600	646,93	1,85%	9,24%
Topix	4.033,13	1,75%	18,31%
MSCI World	4.836,91	1,96%	9,18%
Shanghai SE Composite	4.717,24	-4,57%	1,89%
MSCI Emerging Markets	1.654,48	-4,38%	17,81%
MSCI Latam (América Latina)	3.089,72	6,70%	14,04%
MSCI EMEA (Europa, Oriente Médio, África)	261,52	0,50%	0,89%
MSCI Asia Ex Japan	1.094,06	-4,91%	19,78%
CAC 40 (França)	8.437,89	0,62%	3,54%
DAX (Alemanha)	25.155,41	1,68%	2,72%
MIB (Itália)	52.792,04	2,23%	17,46%
IBEX (Espanha)	19.571,30	0,94%	13,08%
SMI (Suíça)	14.315,88	1,40%	7,90%

COMMODITIES	ÚLTIMO PREÇO	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL
Barra de Aço (CNY/Tm)	3.058,00	-3,11%	-1,51%
Ouro (USD/Onça)	4.130,25	3,27%	-4,38%
Petróleo bruto WTI (USD/Barril)	86,83	23,44%	51,22%
Prata (USD/Onça)	60,02	3,33%	-14,99%
Cobre (USD/Tm)	13.808,00	5,51%	11,15%
Gás natural (USD/MMBtu)	2,93	-9,19%	-20,65%

Fontes: Bloomberg, Indosuez Wealth Management.
O desempenho passado não garante o desempenho futuro.

RETORNOS MENSAIS SOBRE INVESTIMENTO, EXCLUÍDO DIVIDENDOS

● FTSE 100 ● Topix ● MSCI World ● MSCI EMEA ● MSCI Emerging Markets
● STOXX 600 ● S&P 500 ● Shanghai SE Composite ● MSCI Latam ● MSCI Asia Ex Japan

ABRIL 2026	MAIO 2026	JUNHO 2026	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ACUMULADO ANUAL (23.07.2026)
16,19%	11,04%	2,51%	6,70%	19,78%
14,53%	9,50%	1,78%	2,44%	18,31%
10,42%	6,17%	0,95%	1,96%	17,81%
9,45%	5,15%	0,84%	1,91%	14,04%
8,03%	4,37%	-0,80%	1,85%	9,55%
6,56%	2,41%	-1,06%	1,75%	9,24%
4,83%	1,76%	-1,54%	0,50%	9,18%
3,36%	0,98%	-1,67%	-4,38%	7,91%
2,82%	0,29%	-2,68%	-4,57%	1,89%
1,99%	-4,67%	-3,29%	-4,91%	0,89%

Fontes: Bloomberg, Indosuez Wealth Management.
O desempenho passado não garante o desempenho futuro.

MELHOR DESEMPENHO



PIOR DESEMPENHO



Conheça a equipa editorial internacional da Indosuez Wealth Management, dedicada a transmitir com precisão e eficácia as estratégias de investimento elaboradas pelos nossos especialistas em todo o mundo, com o objetivo de garantir aos nossos clientes um serviço de excelência.

**Delphine
DI PIZIO TIGER**
Deputy Global Head of
Investment Management

**Alexandre
DRABOWICZ, CAIA**
Global Chief
Investment Officer

**Jérôme
VAN DER BRUGGEN**
Chief Market Strategist

Bénédicte KUKLA
Chief Strategist

Lucas MERIC
Cross Asset Strategist

Francis TAN
Chief Strategist Asia

Alexandre GAUTHY
Senior Cross-Assets Manager /
Market Forex Strategist

Grégory STEINER, CFA
Global Head of
Asset Allocation

Jean-Marc TURIN, CFA
Head of Patrimonial Funds

Adrien ROURE
Multi-Asset Portfolio Manager

Mafalda DOS SANTOS
Global Head of
Content Marketing

Blockchain: Tecnologia de armazenamento e transmissão de informação, sob a forma de uma base de dados que tem a particularidade de ser partilhada simultaneamente com todos os seus utilizadores, e que geralmente não depende de nenhum órgão central.

BLS: Bureau of Labor Statistics.

Bottom-up (em inglês, cujo significado é "ascendente"): Análises, ou estratégias de investimento, que se concentram em especificidades e contas corporativas individuais, em oposição à análise *top-down* (descendente) que se concentra em agregados macroeconómicos.

Brent: Um tipo de petróleo bruto doce, frequentemente usado como referência para o preço do petróleo bruto na Europa.

Cíclico: Cíclico é um estilo que se refere a empresas dependentes das mudanças na economia de forma geral. Essas ações representam empresas cujos lucros estarão mais altos quando a economia estiver prosperando.

Defensivo: Defensivo é um estilo que se refere a empresas mais ou menos imunes às alterações das condições económicas.

Deflação: A deflação é o oposto da inflação. Ao contrário desta, a deflação se caracteriza por uma queda duradoura e autossustentável do nível geral de preços.

Duração: Reflete a sensibilidade de um título ou fundo de títulos a alterações nas taxas de juro; expressa em anos. Quanto maior a duração de um título, mais seu preço é sensível a quaisquer alterações nas taxas de juro.

EBIT (Earnings Before Interets and Taxes): Refere-se aos lucros gerados antes de quaisquer juros financeiros e impostos serem levados em conta. Pega os lucros e subtrai as despesas operacionais e, portanto, também corresponde a "lucro operacional".

EBITDA (Earnings Before Interests, Taxes, Depreciation and Amortisation): O EBITDA leva em conta o lucro líquido e acrescenta juros, impostos e depreciação. Ele é usado para medir a lucratividade operacional de uma empresa antes de despesas não operacionais e encargos não monetários.

ESG: Ambiental, social e governamental.

Estagflação: Se refere a uma economia que passa simultaneamente por um aumento da inflação e uma estagnação na produção económica.

FDIC: A Federal Deposit Insurance Corporation (Corporação Federal de Seguro de Depósitos) é uma agência governamental independente dos EUA que assegura os depósitos de particulares em bancos e outras instituições financeiras até 250.000 dólares em caso de falência.

Fed: Reserva Federal dos EUA, ou seja, o banco central dos Estados Unidos.

FMI: O Fundo Monetário Internacional.

FOMC (Federal Open Market Committee): É o órgão de política monetária do Federal Reserve dos EUA.

Growth: Estilo *Growth* refere-se a empresas com expectativas de crescimento de vendas e de resultados a um ritmo mais acelerado do que a média de mercado. Dessa forma, ações *Growth* geralmente se caracterizam por uma valorização mais alta do que a do conjunto do mercado.

Índice de surpresas económicas: Especifica o nível de desempenho superior dos dados macroeconómicos publicados em relação às expectativas dos previsores (consenso).

Índice dos gerentes de compras: PMI - Purchasing Manager Index em Inglês.

IPC (índice de preços ao consumidor): Permite estimar, entre dois dados períodos, a variação do preço médio dos bens e serviços consumidos pelas famílias. É usado como medida de inflação.

ISM: Sigla para Institute for Supply Management (Instituto de Gestão de Suprimentos, em português).

Lei GENIUS: Acrónimo de *Guiding and Establishing National Innovation for US Stablecoins*, é uma lei federal dos Estados Unidos, aprovada em julho de 2025, que cria um quadro regulamentar para as *stablecoins*, criptomoedas cujo valor é apoiado por uma moeda fiduciária como o dólar americano.

LPA (Earnings per share): Lucro por ação.

Nearshoring: A OCDE define regionalização ou *nearshoring* como a decisão de relocar atividades anteriormente deslocalizadas, não necessariamente no país de origem da empresa, mas num país geograficamente próximo.

Notações: As notações das obrigações variam geralmente entre AAA (qualidade mais elevada) e C (qualidade mais baixa), por ordem decrescente: AAA - AA - A - BBB - BB - B - CCC - CC - C.

Obrigações de alto rendimento: As obrigações de alto rendimento (*high yield*) têm uma qualidade inferior à das obrigações *investment grade*, mas, tal como estas últimas, são, na sua maior parte, objeto da notação de uma agência especializada.

OCDE: Organização para Cooperação e Desenvolvimento Económico.

"One Big Beautiful Bill Act" (em português Grande e Bela Lei): É o nome dado a um amplo projeto de lei de reconciliação orçamentária aprovado pelo Congresso dos Estados Unidos e sancionado pelo Presidente Trump em 4 de julho de 2025. Trata-se de uma grande e complexa legislação que inclui numerosas disposições que afetam vários aspectos da vida americana, incluindo impostos, assistência médica, política energética e muito mais.

OMC: Organização Mundial do Comércio.

OPEP: Organização dos Países Exportadores de Petróleo; 14 membros.

OPEP+: OPEP mais 10 países adicionais, a saber, Rússia, México e Cazaquistão.

PIB (produto interno bruto): O PIB mede a produção anual de bens e serviços de um país pelos operadores que residem no território nacional.

Ponto base (pb): 1 ponto base = 0,01%.

Ponto de equilíbrio da inflação (ou "inflation breakeven" em inglês): Nível de inflação que equilibra os rendimentos de títulos nominais e títulos indexados à inflação (de vencimento e qualidade idênticas). Em outras palavras, é o nível de inflação no qual, para um investidor, tanto faz possuir um título nominal como um título indexado à inflação. Assim, representa as expectativas de inflação, em uma área geográfica, para um determinado prazo de vencimento.

Poder de precificação: Expressão que designa a capacidade, de uma empresa ou marca, para aumentar seus preços, sem que isso afete a demanda por seus produtos.

Qualidade: Ações de Qualidade referem-se a empresas com lucros mais altos e mais confiáveis, endividamento baixo e outras medidas de rendimentos estáveis e de forte governança. Características comuns das ações de Qualidade são o alto retorno ao patrimônio líquido, a variabilidade da dívida em relação ao patrimônio líquido e a variabilidade dos rendimentos.

Quantitative easing (QE): Um instrumento de política monetária pelo qual o banco central adquire ativos como títulos, a fim de injetar liquidez na economia.

SAFE ("Security Action For Europe"): programa europeu de 150 mil milhões de euros destinado a facilitar a aquisição conjunta de armas pelos Estados-Membros da UE. Faz parte de um plano mais vasto de rearmamento do continente apresentado pela Comissão Europeia e que tem por objetivo mobilizar até 800 mil milhões de euros.

SEC (Securities and Exchange Commission): A SEC é uma agência federal independente com responsabilidade pelo funcionamento ordenado dos mercados de valores mobiliários dos EUA.

Spread (ou spread de crédito): Um *spread* é a diferença entre dois ativos, tipicamente entre taxas de juro, como aquelas de títulos corporativos sobre um título do governo.

SRI: Investimentos Sustentáveis e Responsáveis.

Taxa de swap a termo de cinco anos sobre cinco anos: Métrica de mercado que mede a expectativa de inflação anual média num período de cinco anos a partir de cinco anos no futuro. Dá uma ideia de como as expectativas de inflação podem mudar no futuro.

Value: Estilo *Value* refere-se a empresas que parecem ser negociadas a um preço mais baixo em relação a seus fundamentos. Características comuns das ações *Value* incluem alto rendimento de dividendos, relação baixa de preço sobre o valor patrimonial e relação baixa de preço sobre lucro.

VIX: O índice da volatilidade implícita do índice S&P 500. Mede as expectativas dos operadores de bolsa de 30 dias de volatilidade, com base em opções de índice.

Este documento intitulado "Monthly House View" (a "brochura") é publicado apenas para fins de comunicação de marketing.

Os idiomas em que é redigida fazem parte dos idiomas de trabalho da Indosuez Wealth Management.

As informações publicadas nesta brochura não foram revisadas, nem estão sujeitas à aprovação ou autorização de qualquer autoridade reguladora ou de mercado, em qualquer jurisdição.

A brochura não é destinada a pessoas de nenhum país em particular.

A brochura não se destina a pessoas que são cidadãos, domiciliadas ou residentes em um país ou jurisdição onde sua distribuição, publicação, disponibilidade ou uso possam violar as leis ou regulamentos em vigor.

Este documento não constitui ou contém uma oferta ou convite para comprar ou vender qualquer instrumento financeiro e/ou serviço de qualquer natureza. Da mesma forma, ele não constitui, de forma alguma, uma estratégia, recomendação ou assessoria de investimento ou desinvestimento, geral ou personalizada, assessoria jurídica ou fiscal, assessoria de auditoria ou qualquer outra assessoria de natureza profissional. Nenhuma representação é feita quanto à adequação ou adequabilidade de qualquer investimento ou estratégia em relação a circunstâncias individuais, ou de que qualquer investimento ou estratégia constitui assessoria de investimento personalizada para qualquer investidor.

A data relevante neste documento é, salvo indicação em contrário, a data de edição mencionada na última página deste termo. As informações nele contidas são baseadas em fontes consideradas fidedignas. Envidaremos todos os esforços para garantir a pontualidade, precisão e abrangência das informações contidas neste documento. Todas as informações, bem como o preço, as avaliações de mercado e os cálculos aqui indicados estão sujeitos a alteração sem aviso prévio. Os preços e desempenhos passados não são necessariamente um guia para os preços e desempenhos futuros.

Os riscos incluem, entre outros, riscos políticos, riscos de crédito, riscos cambiais, riscos econômicos e riscos de mercado. Antes de realizar qualquer transação, deve consultar seu consultor de investimento e, quando necessário, obter assessoria profissional independente relativamente aos riscos, bem como a todas as consequências jurídicas, regulamentares, de crédito, tributárias e contábeis. É aconselhável entrar em contato com seus consultores usuais para tomar suas decisões de forma independente considerando sua situação financeira particular e seu conhecimento e experiência.

As taxas de câmbio em moeda estrangeira podem afetar adversamente o valor, preço ou receita do investimento, quando este é realizado e convertido de volta para a moeda base do investidor.

CA Indosuez, sociedade francesa, holding do negócio de gestão de fortunas do grupo Crédit Agricole e suas subsidiárias ou entidades relacionadas, nomeadamente CA Indosuez (Switzerland) SA, CA Indosuez Wealth (Europe), CFM Indosuez Wealth, suas respectivas subsidiárias, filiais e escritórios de representação, onde quer que estejam, operam sob a marca única da Indosuez Wealth Management. Cada uma das subsidiárias, suas próprias subsidiárias, filiais e escritórios de representação, bem como cada uma das outras entidades da Indosuez Wealth Management, são designadas individualmente por "Entidades" e coletivamente por "Entidades".

As Entidades ou seus respectivos acionistas, bem como seus próprios acionistas, subsidiárias e, mais geralmente, as empresas do grupo Crédit Agricole SA ("Grupo") e, respectivamente, seus diretores, gestores seniores ou funcionários podem, individualmente ou em nome e representação de terceiros, realizar transações com os instrumentos financeiros descritos na brochura, deter outros instrumentos financeiros em relação ao emissor ou ao fiador desses instrumentos financeiros, ou prestar ou procurar prestar serviços de valores mobiliários, serviços financeiros ou qualquer outro tipo de serviço para ou dessas Entidades. Quando uma Entidade e/ou uma entidade do Grupo Crédit Agricole atua como consultor e/ou gestor de investimentos, administrador, distribuidor ou agente de colocação para determinados produtos ou serviços mencionados na brochura, ou realiza outros serviços em que uma Entidade ou o Grupo Crédit Agricole detém ou pode deter um interesse, direto ou indireto, sua Entidade dará sempre prioridade ao interesse do investidor.

Alguns investimentos, produtos e serviços, incluindo a custódia, podem estar sujeitos a restrições legais e regulamentares, ou podem não estar disponíveis em todo o mundo de forma irrestrita, tendo em conta a lei de seu país de origem ou país de residência, ou de qualquer outro país com o qual possa ter laços. Em especial, os produtos ou serviços apresentados na brochura não se destinam a residentes dos EUA e do Canadá. Os produtos ou serviços podem ser fornecidos pelas Entidades de acordo com seus preços e condições contratuais, em conformidade com as leis e regulamentos aplicáveis, e sujeitos a suas respectivas licenças. Podem ser modificados ou retirados a qualquer momento sem qualquer notificação.

Entre em contato com seu gerente de relacionamento para mais informações.

De acordo com os regulamentos aplicáveis, cada Entidade disponibiliza a brochura:

- **Na França:** a brochura é distribuída por CA Indosuez, uma sociedade anônima de responsabilidade limitada sob a lei francesa, com um capital social de 853.571.130 euros, empresa-mãe do grupo Indosuez e uma instituição bancária de serviços completos autorizada a fornecer serviços de investimento e corretagem de seguros, cuja sede está localizada em 17, rue du Docteur Lancereaux, 75008 Paris, França, registrada no Registro Comercial e de Empresas de Paris sob o número 572 171 635 (número de identificação individual de IVA: FR 075 72 17 16 35).
- **No Luxemburgo:** a brochura é distribuída por CA Indosuez Wealth (Europa), sociedade anônima de direito luxemburguês, com sede social em 2520 allée Scheffer L-986 Luxemburgo, inscrita no Registro Comercial sob o número B91.986 e que possui a condição de entidade de crédito autorizada estabelecida no Luxemburgo e supervisionada pela Comissão de Supervisão do Setor Financeiro (CSSF).

- **Em Espanha:** a brochura é distribuída por CA Indosuez Wealth (Europe) Sucursal em Espanha, supervisionada pelo Banco de Espanha (www.bde.es) e pela Comissão Nacional do Mercado de Valores (CNMV, www.cnmv.es), uma sucursal da CA Indosuez Wealth (Europe). Morada: Paseo de la Castellana número 1, 28046 Madrid (Espanha), registrada no Banco de Espanha com o número 1545. Inscrita no Registro Comercial de Madrid com o número T 30.176, F 1, S 8, H M-543170, NIF.
- **Na Itália:** a brochura é distribuída por CA Indosuez Wealth (Europa), sucursal da Itália com sede em Piazza Cavour 2, Milão, Itália, registrada no Register of Banks no. 8097, código tributário e número de registro no Registro de Empresas de Milão, Monza Brianza e Lodi n. 97902220157.
- **Em Portugal:** a brochura é distribuída por CA Indosuez Wealth (Europe), Sucursal em Portugal, situada na Avenida da Liberdade 190, 2.º B - 1250-147 Lisboa, Portugal, inscrita no Banco de Portugal sob o número 282, número fiscal 980814227.
- **Na Bélgica:** a brochura é distribuída pelo Banque Degroof Petercam SA, localizado na rue de l'Industrie 44, 1040 Bruxelas, Bélgica, registrado no Registro Comercial sob o número 0403 212 172, registrado na Banque-Carrefour des Entreprises (base de dados de empresas belgas) sob o número de IVA BE 0403 212 172 (RPM Bruxelas).
- **Na União Europeia:** a brochura pode ser distribuída pelas Entidades da Indosuez Wealth Management autorizadas a fazê-lo ao abrigo da Prestação Gratuita de Serviços.
- **No Mónaco:** a brochura é distribuída por CFM Indosuez Wealth, 11, Boulevard Albert 1er - 98000 Mônaco, registrada no Registro de Indústria e Comércio de Mônaco sob o número 56S00341, acreditação: CE/2012-08.
- **Na Suíça:** a brochura é distribuída por CA Indosuez (Switzerland) SA, Quai Général-Guisan 4, 1204 Genebra, e pela CA Indosuez Finanziaria SA, Via F. Pelli 3, 6900 Lugano, bem como por suas respectivas sucursais e/ou agências suíças. A brochura é material de marketing e não constitui o produto de uma análise financeira, nos termos das diretivas da Associação Suíça de Banqueiros (ASB) relativa à independência da análise financeira, tal como concebida pela lei suíça. Consequentemente, essas diretivas não são aplicáveis à brochura.
- **Em Hong Kong Região administrativa especial:** a brochura é distribuída pela filial de Hong Kong da CA Indosuez (Switzerland) SA, Suite 2918, Two Pacific Place - 88 Queensway - Hong Kong. Nenhuma das informações contidas na brochura constitui uma recomendação de investimento. A brochura não foi encaminhada à Comissão de Valores Mobiliários e Futuros (SFC) ou a qualquer outra autoridade reguladora em Hong Kong. A brochura e os produtos mencionados não foram autorizados pela SFC nos termos das Seções 103, 104, 104A ou 105 da Lei de Valores Mobiliários e Futuros (Cap. 571) (SFO).
- **Em Singapura:** a brochura é distribuída pela filial de Singapura do CA Indosuez (Switzerland) SA, 2 Central Boulevard, West Tower #12-02, IOI Central Boulevard Towers, 018916 Singapour. Em Singapura, a brochura destina-se apenas a investidores credenciados, investidores institucionais ou investidores especializados, conforme definido pela Lei de Valores Mobiliários e Futuros 2001, de Singapura. Para quaisquer perguntas relativas à brochura, os destinatários em Singapura podem entrar em contato com a filial de Singapura da CA Indosuez (Switzerland) SA.
- **No DIFC:** a distribuição da brochura é feita por CA Indosuez (Switzerland) SA, DIFC Branch, Al Fattan Currency House, Tower 2 - Level 23 Unit 4 DIFC PO Box 507232 Dubai - EAU, uma empresa regulamentada pela Autoridade de Serviços Financeiros de Dubai ("DFSA"). Esta brochura é voltada somente a clientes profissionais e/ou contrapartes de mercado e nenhuma outra pessoa deve agir com base nesse documento. Os produtos ou serviços financeiros aos quais esta publicação se relaciona somente estarão disponíveis a clientes que cumprirem com os requisitos de cliente profissional e/ou contraparte de mercado segundo a DFSA. Esta brochura é fornecida somente para fins informativos. Ela não deve ser interpretada como uma oferta de compra ou venda ou solicitação de uma oferta para compra ou venda de quaisquer instrumentos financeiros ou para participação de qualquer estratégia de negociação específica em qualquer jurisdição.
- **Nos EAU:** a brochura é distribuída pelo escritório de representação da CA Indosuez (Switzerland) SA, Abu Dhabi, Zayed - The 1st Street - Nayel & Bin Harmal Tower, 5th Floor office 504, P.O. Box 44836 Abu Dhabi, Emirados Árabes Unidos. A CA Indosuez (Switzerland) SA opera nos Emirados Árabes Unidos (EAU) através do seu escritório de representação, que está sob a autoridade de supervisão do Banco Central dos EAU. De acordo com as regras e regulamentos aplicáveis nos EAU, o escritório de representação da CA Indosuez (Switzerland) SA não pode exercer nenhuma atividade bancária. O escritório de representação só pode comercializar e promover atividades e produtos da CA Indosuez (Switzerland) SA. A brochura não constitui uma oferta a pessoa determinada ou ao público em geral, nem um convite para apresentar uma oferta. É distribuído em uma base privada, e não foi revisado ou aprovado pelo Banco Central dos EAU ou outra autoridade reguladora dos EAU.
- **Outros países:** as leis e regulamentos de outros países também podem limitar a distribuição desta brochura. As pessoas em posse desta brochura devem informar-se sobre quaisquer restrições legais e respeitá-las.

A brochura não pode ser fotocopiada, reproduzida ou distribuída, no todo ou em parte, seja de que forma for, sem o acordo prévio do seu Banco.

© 2026, CA Indosuez (Switzerland) SA/todos os direitos reservados.

Fotos: AdobeStock.

Editado a 24.07.2026.

Presença internacional

A NOSSA HISTÓRIA

O Indosuez Wealth Management é a marca internacional de Gestão de Fortuna do grupo Crédit Agricole, o 10.º maior banco do mundo em termos de balanço (The Banker 2025).

Há mais de 150 anos que o Indosuez Wealth Management acompanha grandes clientes privados, famílias, empreendedores e investidores profissionais na gestão do seu património privado e profissional. O banco oferece uma abordagem personalizada, que permite a cada um dos seus clientes preservar e desenvolver o seu património de acordo com as suas aspirações. As suas equipas oferecem um continuum de serviços e ofertas que integram Consultoria, Financiamento, Soluções de Investimento, *Fund servicing*, Soluções tecnológicas e bancárias.

O Indosuez Wealth Management reúne mais de 4.300 colaboradores em 15 territórios no mundo: na Europa (Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Itália, Luxemburgo, Países Baixos, Portugal, Mónaco e Suíça), na Ásia-Pacífico (Hong Kong RAE, Nova Caledónia e Singapura) e no Médio Oriente (Abu Dhabi, Dubai).

Com 215 mil milhões de euros em ativos de clientes até ao final de dezembro de 2024, o Indosuez Wealth Management está entre os líderes europeus na gestão de patrimónios.

Mais informações em <https://ca-indosuez.com/>



INDOSUEZ WEALTH MANAGEMENT

O Indosuez Wealth Management conta com uma herança excepcionalmente rica, baseada em relacionamentos de longo prazo, experiência financeira e na nossa rede financeira internacional:

Ásia Pacífico

HONG KONG RAE

Suite 2918, Two Pacific Place - 88 Queensway
Hong Kong
T. +852 37 63 68 68

NOUMÉA

Le Commodore - Promenade Roger Laroque,
Anse Vata
98800 Nouméa - Nova Caledónia
T. +687 27 88 38

SINGAPURA

2 Central Boulevard, West Tower #12-02,
IOI Central Boulevard Towers,
018916 Singapura
T. +65 64 23 03 25

Europa

BRUXELAS

Rue de l'Industrie 44
1000 Bruxelas - Bélgica
T. +32 2 287 91 11

GENEBRA

Quai Général-Guisan 4
1204 Genebra - Suíça
T. +41 58 321 90 00

LISBOA

Avenida da Liberdade, n.º190, 2ºB
1250 - 147 Lisboa - Portugal
T. +351 211 255 360

LUXEMBURGO

39, Allée Scheffer
L-2520 Luxemburgo
T. +352 24 67 1

MADRID

Paseo de la Castellana 1
28046 Madrid - Espanha
T. +34 91 310 99 10

MILÃO

Piazza Cavour 2
20121 Milão - Itália
T. +39 02 722 061

MÓNACO

11, Boulevard Albert 1º
98000 Mónaco
T. +377 93 10 20 00

PARIS

17, Rue du Docteur Lancereaux
75008 Paris - França
T. +33 1 40 75 62 62

Médio Oriente

ABU DHABI

Zayed - The 1st Street -
Nayel & Bin Harmal Tower,
5th Floor office 504
PO Box 44836 Abu Dhabi
T. +971 2 631 24 00

DIFC

Al Fattan Currency House, Tower 2
Level 23 Unit 4 DIFC
PO Box 507232 Dubai
T. +971 4 350 60 00